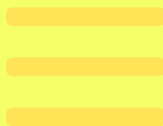


COLEÇÃO
**SUA
ESCOLA
TEM
HISTÓRIA**



VOLUME 2

A História Oral como recurso à Memória



DA ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA CORDÉLIA PAIVA



Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana
Fabiane dos Santos Silva
Scarlet da Rocha Cunha

Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana
Fabiane dos Santos Silva
Scarlet da Rocha Cunha

VOLUME 2

A História Oral como recurso à Memória

DA ESCOLA ESTADUAL
PROFESSORA CORDÉLIA PAIVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Reitor: Roberto de Andrade Medronho

Vice-Reitora: Cássia Curan Turci

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Decano: Vantuil Pereira

Substituto eventual: Paulo Cesar Castro

Faculdade de Educação

Diretora: Ana Paula de Abreu Costa de Moura

Vice-Diretora: Silvina Julia Fernández

Programa de Estudos e Documentação, Educação e Sociedade - Proedes/UFRJ

Coordenadora: Ana Lucia Cunha Fernandes

Vice-Coordenador: Jucinato de Sequeira Marques

PROJETO SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA - FAPERJ

Coordenadora: Libânia Xavier (Prof. Titular FE-UFRJ)

Vice-Coordenadora: Nailda Marinho da Costa (Prof. Titular EE-UniRio)

Bolsistas de Treinamento e Capacitação Técnica Faperj:

Fábio Garcez de Carvalho

(Doutor PPGEH-UFRJ / CAp-UFRJ e Prof. História)

Rodrigo Antunes Correa

(Mestre Prof. História / Colégio Estadual Dr. Feliciano Sodré – CEDFS / São Pedro da Aldeia)

Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana

(Mestre Prof. História / Escola Estadual Professora Cordélia Paiva - Duque de Caxias)

Flavia de Moura Osório Pereira Freire

(Mestre PPGEduc-UniRio / Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral – CEIAA)

Bolsistas de Iniciação Científica Faperj:

Ana Carolina Amim Molossi (IH-UFRJ)

Fabiane dos Santos Silva (FE-UFRJ)

Hugo Caetano Andrade Silva (EH-UniRio)

Jéssica de Azevedo Gomes (IH-UFRJ)

Larissa da Silva Candido Vanda (FE-UFRJ)

Laura Viana Pego (FE-UFRJ)

Lorena Oliveira de Araújo (FE-UFRJ)

Maria Guilhermina Tasso de Alcantara (IH-UFRJ)

Scarlet da Rocha Cunha (IH-UFRJ)

Bolsistas Jovens Talentos Faperj:

Isabel Leanza Machado (Aluna do CAp-UFRJ)

Kaike Barros Porto (Aluno CEDFS)

Clara de Souza Brandão (Aluna CEIAA)

Bolsistas de Extensão:

Rômulo Rodrigues Moraes Queiroz (EE-Unirio / Bolsista PIBEX – Unirio)

Viviane Beatriz Ribeiro Pontes Nunes (FE-UFRJ / Bolsista Profaex-UFRJ)

Preparação editorial

Supervisão: Libânia Xavier

Revisão: Ligia Cabral

Projeto gráfico e diagramação: Sense Design & Comunicação

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232 Sant'Ana, Ronaldo Elói da Silva.

A história oral como recurso à memória da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva / Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana, Fabiane dos Santos Silva, Scarlet da Rocha Cunha. Rio de Janeiro: UFRJ, FE, Proedes, 2024.

76 p. (Coleção sua Escola tem História; v.2)

ISBN (Coleção) 978-65-01-22353-7 (versão on-line).

ISBN 978-65-01-18313-8 (versão on-line).

1. Educação - História. 2. Memória. 3. História oral. 3. Educação básica. 4. Escolas públicas. I. Silva, Fabiane dos Santos. I. Cunha, Scarlet da Rocha. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade.

CDD: 370.981

Elaborada por: Érica Resende (CRB-7 5105)

SUMÁRIO

A Coleção Sua Escola tem História	7
História local e história da escola na pesquisa, no ensino, na extensão e na nossa própria formação	11
Oficinas e memórias	11
Periferia, visibilidade e educação	14
História, comunidade e território	16
Histórias Contadas	19
A história oral como recurso à memória da escola	19
Destaques das memórias contadas	24
Características da Escola Estadual Prof ^a Cordélia Paiva	24
Alimentação na escola	30
A Escola Estadual Prof ^a Cordélia Paiva e a comunidade local	35
Dificuldades e Desafios	43
Positividades, Otimismo e Esperança	51
Fatos Marcantes	57
Escola Estadual Prof ^a Cordélia Paiva: antes e depois	70
Referências	75

A COLEÇÃO SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA

A **Coleção Sua Escola tem História** reúne os resultados do projeto de mesmo nome que recebeu suporte do Edital de Apoio à Melhoria das Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro (1921-1924), financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). O ponto de partida foi promover o levantamento de estudos e pesquisas relacionados à memória e às histórias das escolas fluminenses, de suas experiências pedagógicas e da participação de seus sujeitos, promovendo a divulgação sistemática deste conteúdo ao público em geral.

Com uma equipe formada por quatro professores da educação básica, que durante dois anos contaram com bolsa de Aperfeiçoamento Técnico Faperj, mais os alunos dos cursos de graduação (com bolsas de Iniciação Científica Faperj, de Extensão Profaex-UFRJ e Pibex- UniRio) e, ainda, com alunos do ensino médio (com as bolsas Jovens Talentos Faperj), sob a supervisão das coordenadoras do projeto, foi possível realizar os levantamentos das histórias das quatro escolas conveniadas: o Colégio Estadual Dr. Feliciano Sodré (São Pedro da Aldeia - RJ); o Colégio Estadual Inácio Azevedo Amaral (Rio de Janeiro - RJ); a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva (Duque de Caxias - RJ); e o Colégio de Aplicação da UFRJ (Rio de Janeiro - RJ).

As instituições estão localizadas em diferentes regiões do estado e atendem aos ensinos fundamental e médio, assim como à formação de professores no curso Normal. Isso garante uma boa diversidade de

questões e certa abrangência às atividades didáticas e de pesquisa desenvolvidas em cada escola, como se vê nos temas abordados nos outros *e-books* da coleção.

Forjados nesse intercâmbio, os resultados do projeto articulam reflexões e ações atinentes ao ensino da História e à formação de professores em conexão com as atividades de pesquisa e extensão. Para além de um *site* e da divulgação nas redes sociais – Facebook e Instagram – os *e-books* visam promover a divulgação dos conhecimentos produzidos ao longo do tempo de desenvolvimento do projeto (2022-2024). Nesse intuito, alguns *e-books* abordam aspectos das histórias das escolas conveniadas a partir de fontes documentais e iconográficas, tais como fotografias, plantas arquitetônicas, atas de fundação e de reunião do corpo docente e trabalhos de alunos, entre outras. A história oral também permitiu a produção de fontes sobre as histórias das escolas, com a realização de entrevistas com vários sujeitos que passaram pelas escolas ou que ainda nelas atuam. Outros divulgam as atividades didáticas que foram experimentadas nessas escolas, tais como aulas especiais e oficinas, compondo o repertório de análise e aplicação dos temas abordados.

Consideramos que a escola pública é uma instituição potente para a construção de um modelo de educação e de sociedade democráticos. Essa ideia ganha centralidade redobrada, sobretudo a partir do ano de 2016, quando as escolas, os professores e as universidades públicas foram duramente atacados e, junto com eles, o conhecimento científico. Nesse contexto adverso, o estímulo ao desenvolvimento das atividades de extensão universitária e de divulgação do conhecimento produzido a partir do desenvolvimento de pesquisas científicas se tornou um imperativo.

Em tempos pós-pandemia, ainda marcados pela circulação de falsas informações e de ideias prejudiciais à saúde física e mental, reforça-se a importância do uso dos equipamentos de informática e das mídias digitais na comunicação com os alunos, com os nossos parceiros profissionais e com o público em geral, de modo a divulgar os conhecimentos balizados pela pesquisa científica e pelos saberes escolares. A série de *e-books* - livros virtuais e gratuitos - atende, assim, aos objetivos que nortearam o projeto Sua Escola tem História, entre os quais destacamos os seguintes:

- Promover a preservação da memória e da história da educação, por meio do conhecimento e do registro de inovações pedagógicas relevantes, de lutas pelo direito à educação e de políticas educacionais que permearam as histórias de nossas escolas;
- Reconhecer o protagonismo dos sujeitos escolares, buscando dar visibilidade às suas memórias, *expertises* e experiências;
- Chamar a atenção do público em geral para a importância da instituição escolar no acesso aos códigos letrados e às informações científicas, tão centrais na vida contemporânea;
- Dar maior visibilidade ao conhecimento da história das escolas, tendo em vista que esse conhecimento atribui sentido ao seu trabalho de socialização, de disseminação dos conhecimentos científicos e de construção de cidadania.

O presente volume expõe um dos resultados do trabalho desenvolvido pelo professor Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana e pelas bolsistas de Iniciação Científica (IC) Fabiane Silva, aluna do curso de Pedagogia, e Scarlet Rocha, aluna do curso de Licenciatura em História, ambas da UFRJ. O grupo atuou junto à Escola Estadual Professora Cordélia Paiva, situada no município de Duque de Caxias (RJ), realizando uma bateria de entrevistas com aqueles que formam o grupo de professores, funcionários e alunos mais antigos, muitos dos quais já não frequentam a instituição, mas atenderam, de bom grado, ao chamado para contar as suas lembranças dos tempos de escola. Desse modo, permitiram à equipe entrelaçar as trajetórias das pessoas que por ali passaram com

a história da instituição, expondo as suas características físicas e espaciais, os valores e princípios que envolvem o trabalho ali realizado, as condições de trabalho e tantas outras questões aqui apresentadas. As entrevistas também fazem parte de um vídeo produzido pelo professor Ronaldo Elói, com uma seleção de trechos significativos desses depoimentos. Vale conferir!

Libânia Xavier

Coordenadora
Projeto Sua Escola tem História

Nailda Marinho

Vice-coordenadora
Projeto Sua Escola tem História

HISTÓRIA LOCAL E HISTÓRIA DA ESCOLA NA PESQUISA, NO ENSINO, NA EXTENSÃO E NA NOSSA PRÓPRIA FORMAÇÃO

Oficinas e Memórias

No momento, atuo como professor de História na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Uma das escolas em que trabalho é a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva. Sou professor regente nesta escola desde 2011. Tenho grande afeição por esta instituição de ensino, pois foi a primeira em que atuei como professor da rede pública. A escola fica situada no bairro Parque Fluminense, em Duque de Caxias, e vale ressaltar que a comunidade local tem grande apreço pela escola. Muitos responsáveis veem a instituição como referência no bairro, talvez pelo fato de ser uma escola pequena, segura, bem organizada e com as equipes de profissionais sempre empenhadas na qualidade do ensino.

Em 2018, ingressei no programa nacional de Mestrado Profissional em Ensino de História pela UFRJ (ProfHistória). Neste curso, propus uma metodologia de ensino de História que privilegia o ensino de história local em sala de aula. Após a conclusão do mestrado, fui convidado para participar do projeto Sua Escola tem História e pude aplicar o resultado da dissertação no chão da escola. A escola escolhida para a aplicação do projeto não poderia deixar de ser a escola em que atuo em Duque de Caxias, uma vez que a proposta de ensino da dissertação de mestrado teve como objeto de estudo a mesma cidade onde se encontra a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva.

Como historiador e professor da escola, muitas vezes interrogava os funcionários mais antigos sobre a origem, a história e a patrona, isto é, sobre quem seria Cordélia Paiva. Nunca obtive respostas, apenas a menção à falta de fontes que respondessem a tais questões. Ao incluir a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva no projeto Sua Escola tem História seguimos dois caminhos: o primeiro foi a aplicação de oficinas de história local em sala de aula, com base na dissertação de mestrado *A Cidade de Duque de Caxias: entre oficinas e jogos didáticos*; o segundo seria a construção da história da escola, mas, diante de tantas narrativas que versavam sobre as dificuldades de obter fontes diversificadas para a pesquisa, optamos inicialmente por priorizar a construção de fontes orais, ou seja, a proposta *a priori* era fazer entrevistas com ex-alunos e funcionários antigos.

Sem nenhum trabalho anterior no qual pudéssemos nos apoiar para dar o passo inicial da pesquisa sobre a história da escola, apostamos firmemente nas memórias dos possíveis entrevistados. A busca por fontes diversas, seja na internet ou em arquivos públicos, como previsto, não teve sucesso. Mas, ao avançar os trabalhos de busca de fontes na escola, ao falar com antigos funcionários e ao vasculhar os arquivos da escola, aos poucos, as fontes documentais e iconográficas foram surgindo para se somar às orais. Portanto, descobrimos que não havia tanta carência de fontes históricas diversas, o que não havia, até então, era pesquisa sistematizada no chão da escola. A cada vez que esmiuçávamos os arquivos da escola, encontrávamos elementos que nos ajudaram a contar a história da escola a partir de fontes diversas, o que animou muito a equipe. Assim, conseguimos encontrar diversas atas, cópias de diários oficiais, iconografia, plantas de reforma e processos administrativos, entre outras.

Tivemos muito apoio da equipe diretiva da escola, dos professores, ou melhor, de todos os funcionários da escola, entrevistados ou não.

Isso foi muito importante, e gerou um ótimo clima para a execução do projeto. Decidimos gravar as entrevistas com câmeras de vídeo, pois ficaria a possibilidade de editar um documentário sobre as histórias contadas pelos entrevistados.

Diante da amplitude dos resultados possíveis, optamos por elaborar dois trabalhos separados, mas que, de certa forma, se conectam. Em vista disso, desenvolvemos este trabalho chamado a **História oral como recurso à memória da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva**, que utiliza a história oral como recurso à memória da escola. Já o outro trabalho tem como título **Oficinas de ensino na perspectiva da história local: Duque de Caxias e a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva, relacionando a história local e a história da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva** com fontes diversas e a aplicação de oficinas em sala de aula e ainda finalizando com jogo didático de perguntas e respostas. Portanto, caros leitores, convidamos todos vocês à leitura dos dois trabalhos desenvolvidos neste projeto.

Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana

PERIFERIA, VISIBILIDADE E EDUCAÇÃO

Desde que ingressei na graduação de Pedagogia da UFRJ, senti a necessidade de pesquisar e saber mais sobre educação periférica. Como moradora da Baixada Fluminense acredito na potência desse lugar. No entanto, infelizmente, a universidade não possui muitos grupos de pesquisa voltados para as escolas situadas na Baixada Fluminense. Então, a partir do meu contato com o projeto Sua Escola tem História e com a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva, fiquei muito entusiasmada. Pela primeira vez, depois de ter ingressado na universidade, tive contato com uma escola situada na Baixada Fluminense. Esse contato foi limitado até mesmo durante a realização dos estágios obrigatórios da graduação, pois infelizmente a universidade não oferta escolas localizadas na periferia, principalmente na Baixada Fluminense.

Além disso, foi extremamente relevante conhecer o trabalho de autores e pesquisadores que atuam a fim de reunir informações sobre a Baixada Fluminense, como Amália Dias, uma autora que desenvolveu pesquisas primordiais para o andamento de pesquisas sobre a história da educação na Baixada Fluminense e que esteve presente em uma de nossas mesas para apresentar o seu extenso trabalho de pesquisa. Eu também tive a oportunidade de conhecer Renata Spadetti, integrante do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense (CEPEMHED), também convidada para uma mesa do projeto, com o objetivo de apresentar todo o trabalho desenvolvido pelo CEPEMHED.

Espaços periféricos são afetados pela falta de visibilidade, além de uma visão equivocada sobre esses espaços, carregada de estigmas e precon-

ceitos. De acordo com Xavier, Bezerra e Soares (2019), o centro é visto como a parte mais relevante da cidade, como uma vitrine, enquanto o estado do Rio de Janeiro como um todo é caracterizado como periferia, lugar de pobreza e ausências. Essa é uma ideia que se relaciona com a perspectiva de que tudo fora da zona central não possui relevância. A concepção que se tem sobre os espaços periféricos é que os mesmos não produzem cultura e conhecimento de qualidade, além de serem lugares extremamente estigmatizados pela violência, criminalidade e pobreza. Diante disso, ter contato com um projeto de pesquisa que trabalha com a história local do município de Duque de Caxias, com a investigação da história de uma escola situada na periferia e que consequentemente agrega valor à educação fluminense é de extrema relevância para a minha formação como pessoa e como futura pedagoga.

Ademais, o projeto de pesquisa tem transformado a minha própria visão sobre a atuação na universidade e tem me feito analisar a possibilidade de ingressar em um mestrado para continuar esta linha de pesquisa, isto é, tem me possibilitado acreditar que pessoas como eu, que possuem ligação com a realidade periférica, precisam ocupar esses espaços para que estes lugares tenham mais visibilidade a partir do desenvolvimento e engajamento nesta temática.

Fabiane dos Santos Silva

HISTÓRIA, COMUNIDADE E TERRITÓRIO

Na graduação em História pela UFRJ, sempre estive em meu interesse pesquisar e divulgar o conhecimento acerca das vozes periféricas, uma história dos agentes sociais que nem sempre são evidenciados. O meu primeiro contato com o projeto Sua Escola tem História ocorreu em uma atividade de extensão, que me possibilitou produzir postagens inspiradas em experiências autobiográficas nas organizações estudantis do Movimento de Ocupação do Colégio Pedro II e na trajetória histórica dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps). Após um processo seletivo, houve a oportunidade de participar do grupo de pesquisa sobre a história da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva, localizada em Duque de Caixas, na Baixada Fluminense.

O desenvolvimento da pesquisa se mostrou relevante, uma vez que a Baixada Fluminense permanece marcada por discursos pejorativos. Nesse sentido, novas pesquisas possibilitam o surgimento de outras narrativas e a problematização de questões antes invisibilizadas. Sendo assim, o processo de pesquisa nesse espaço escolar se propõe a dar visibilidade à história das escolas da Baixada Fluminense, em específico à Escola Estadual Professora Cordélia Paiva. Além disso, buscamos analisar sua relação com a comunidade local, uma vez que o conhecimento sobre estas instituições não está desvinculado do território, dos processos econômicos, políticos e sociais da região.

Dias & Bezerra (2016) abordam o movimento de expressiva produção acadêmica que descreve a história da educação na Baixada Fluminense, proporcionado pelos esforços de pesquisadores que mapearam os acervos locais, estaduais e nacionais - públicos e privados. No entanto,

o caminho da pesquisa de fontes sobre a Baixada Fluminense ainda apresenta alguns desafios.

Durante o levantamento de fontes, percebemos as dificuldades da pesquisa historiográfica sobre a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva. Nesta fase, não encontramos muitos documentos disponíveis nos órgãos de pesquisa pública que nos ajudassem a compreender a história desta escola. Além do mais, também não tivemos informações acerca de Cordélia Paiva - professora que deu nome à escola. Diante destes obstáculos, o acervo da escola nos proporcionou fontes que guiaram nosso trabalho. Paralelamente a este processo, a História Oral também foi uma importante aliada, uma vez que nos permitiu preencher algumas lacunas.

Como futura historiadora e professora de História, o trabalho com a pesquisa neste espaço escolar enriqueceu meus horizontes à medida que me aproximou de diversas vivências de indivíduos que construíram a história dessa escola e, conseqüentemente, deste local, mas que dificilmente seriam encontrados nos registros arquivísticos.

Além disso, o contato com outros pesquisadores sobre a história da educação foi muito relevante para fomentar as discussões e trocar conhecimentos sobre essa temática. Para isso, a professora Libânia Xavier, Coordenadora do projeto Sua Escola tem História, organizou cinco mesas de palestras que auxiliaram nas reflexões e discussões teóricas, ajudando também a tirar possíveis dúvidas do trabalho de pesquisadora.

A participação de pesquisadores convidados foi muito marcante, uma vez que estávamos no início da pesquisa e alguns caminhos ainda estavam incertos, com destaque para as palestras das professoras e pesquisadoras Amália Dias (Febef-Uerj) e Renata Spadetti Tuão, do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de

Caxias e da Baixada Fluminense (CEPEMHed). A primeira abordou questões relacionadas à pesquisa e às fontes disponíveis para o estudo da escolarização na Baixada e a segunda nos proporcionou um rico relato sobre o processo de organização do CEPEMHed.

As experiências do processo de pesquisa foram muito ricas, uma vez que embarcamos “de cabeça” pelos arredores de Duque de Caxias. Desde uma reunião com pesquisadores do CEPEMHed, enfocando a preservação dos documentos encontrados, até uma visita ao Museu Vivo do São Bento e os Sambaquis. Para mim, como moradora da zona Norte do Rio de Janeiro e primeira vez visitando os locais citados, foi essencial conhecer melhor uma história que nem sempre é lembrada.

Scarlet da Rocha Cunha

HISTÓRIAS CONTADAS

A história oral como recurso à memória da escola

Diante da dificuldade em encontrar fontes históricas sobre a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva, a História Oral aparece como importante aliada da pesquisa. Seguindo as considerações de Alberti (2012), tratamos as entrevistas como fontes históricas que documentam uma parte da história da escola e dos sujeitos que a compõem. Assim, estes indivíduos são colocados na disputa de memória, compondo novas narrativas acerca da história da instituição estudada e, de um modo mais amplo, acabam contribuindo para a história da educação na Baixada Fluminense. Desta forma, estas pessoas puderam se enxergar também como agentes ativos da história, uma vez que foram entrevistados acerca de suas memórias e trajetórias.

Apesar da dificuldade em conseguir documentos acerca da EEPCP em arquivos públicos de pesquisa, posteriormente tivemos acesso a diversas fontes encontradas no próprio acervo escolar. Portanto, conseguimos preencher algumas lacunas do processo inicial da pesquisa. Nesse momento, o apoio da equipe diretiva da escola e a boa recepção do projeto foram relevantes para o andamento das nossas buscas.

A princípio, para as entrevistas, buscamos ex-alunos e ex-funcionários que estivessem inseridos no contexto da fundação da escola e no decorrer dos anos seguintes. Quanto aos professores e outros funcionários da ativa, tivemos que estabelecer diretrizes para a seleção de possíveis entrevistados. Isto, para não cair em um campo nebuloso ou

causar algum constrangimento aos que não fossem convidados para a entrevista, uma vez que não seria possível entrevistar todos, dada a quantidade de pessoas, o tempo hábil para a execução desta etapa do projeto e os objetivos da pesquisa. Portanto, foi estabelecido que os professores e outros funcionários ativos na escola teriam que ter, pelo menos, 10 anos na unidade para serem convidados para a entrevista.

Na busca por ex-alunos e ex-funcionários da escola, não nos preocupamos com a quantidade de entrevistados. De acordo com Alberti (2006), a seleção dos entrevistados precisa estar diretamente relacionada com os objetivos da pesquisa. Por conseguinte, a preocupação na seleção dos possíveis entrevistados estava na qualidade da contribuição e não na quantidade. Assim, de posse da informação de que a primeira Diretora da escola estaria morando na localidade, imediatamente buscamos a possibilidade de entrevistá-la, pois “tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido” (Alberti, 2006. p.155).

A partir do momento em que iniciamos as entrevistas com os ex-alunos da escola, recebemos indicações de outros antigos alunos para que também pudéssemos entrevistá-los. Eles compartilharam o contato das respectivas pessoas conosco para que fosse possível obtermos mais informações sobre o passado da instituição. Esse método é conhecido como “bola de neve” e é muito utilizado em pesquisas. De acordo com Vinuto (2014), ele consiste em alcançar documentos e/ou informantes-chaves que indiquem outras pessoas com os atributos essenciais para o trabalho de investigação, ou seja, as pessoas que se responsabilizam por realizarem indicações têm o papel de auxiliar o pesquisador a selecionar corretamente seus investigados a partir dos seus contatos. Em consequência, as pessoas investigadas tendem a indicar outras e assim consecutivamente, até que não haja mais contatos para indicar ou

que os indivíduos localizados não possuam mais informações inéditas para contribuir com a pesquisa.

No momento das entrevistas, estávamos, além de outras coisas, explorando o contexto da fundação da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva. Portanto, a escolha dos entrevistados também acompanhou essa temática. Buscamos testemunhos de alunos que frequentaram os primeiros anos de funcionamento da escola e observamos neles uma imensa nostalgia. Escolhemos um local dentro da escola para fazer as entrevistas e muitos dos entrevistados estavam entrando pela primeira vez dentro da escola após sua saída como alunos. Como diz Fonseca, “a escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante” (Fonseca, 2006. p. 132).

Os entrevistados relembrou episódios marcantes, alguns com detalhes, mesmo após mais de cinco décadas. Exaltaram o trabalho de alguns professores marcantes, de como a escola foi relevante na trajetória de vida deles, mesmo não entendendo na época tal importância. Mencionaram que muito do que eram hoje se devia à passagem pela Escola Estadual Professora Cordélia Paiva.

Durante as entrevistas, os ex-alunos relataram a ausência do refeitório na época em que eram alunos da escola, falaram sobre a qualidade da alimentação, relembrou o cardápio e mencionaram o prato favorito entre eles. Além disso, uma ex-aluna expressou a importância da alimentação fornecida pela escola, pois ela afirmou que algumas pessoas não possuíam acesso a uma alimentação adequada em casa e só tinham a oportunidade de se alimentar apropriadamente no âmbito escolar. Essa é uma questão que se perpetua até os dias atuais. Em alguns casos, a refeição propiciada pela instituição escolar é a única que o estudante irá consumir durante todo o dia, por isso a escola é essencial na garantia da segurança alimentar dos alunos, principalmente dos que apresentam vulnerabilidade social.

Os professores, com exceção do professor Luís César Pinto, de Educação Física, tiveram perguntas diferentes dos ex-alunos do contexto inicial da escola. No caso do professor Luís, tem uma especificidade, pois foi aluno do contexto de fundação da escola e hoje atua como professor regente. Assim, possui contribuição oral muito relevante, pois consegue, como poucos, estabelecer relações entre o presente e o passado da escola. A partir desta entrevista, obtivemos uma foto do mesmo, tirada na escola quando estava na segunda série, isto é, a partir da oralidade, os entrevistados podem se lembrar de outras fontes históricas que possuem em casa, podendo assim contribuir para aumentar a objetividade do trabalho de construção histórica da escola. Já os outros professores relataram suas memórias, destacando momentos marcantes, suas trajetórias profissionais, pontos positivos e negativos no trabalho, entre outros.

Além dos professores regentes com mais de 10 anos de atuação na escola e ex-alunos do contexto de fundação, entrevistamos a professora Telma Câmara Vieira, Articuladora Pedagógica no momento em questão. A professora Telma possui 25 anos de trabalho na escola, passando por diversos cargos durante estes anos. Além da entrevista com a senhora Maria Célia, primeira Diretora da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva, conversamos também com a Diretora Geral Elita e a Diretora Adjunta Roberta, equipe atuante na direção durante a fase inicial do nosso trabalho de pesquisa.

A primeira Diretora, Maria Célia, trouxe informações que contemplam o contexto de fundação da escola e as diretoras da atualidade trouxeram o contexto da complexidade de gerir a escola durante a pandemia e no retorno das aulas presenciais. As entrevistas, a ornamentação para enquadramento das gravações de vídeo, a presença de bolsistas de iniciação científica e de ex-alunos na escola, a busca no arquivo escolar por fontes históricas e todo esse movimento em torno da pesqui-

sa sobre a história da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva trouxe para a escola um “ar” dinâmico, fazendo do projeto mais um elemento que torna a escola “viva”. Característica importantíssima para qualquer escola, até mesmo pelo contexto de pós-distanciamento social provocado pela pandemia de coronavírus.

Ao final desta fase da pesquisa, conseguimos a entrevista de uma pessoa muito importante para a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva e para o projeto em si. Falamos da senhora Rita Marques Resende, que ingressou na escola como professora em 1977, posteriormente acumulou os cargos de Diretora Adjunta e professora até ficar apenas como Diretora Adjunta e se aposentar em 2019. Portanto, o depoimento de Dona Rita (como era conhecida na escola) trouxe elementos fundamentais acerca da patrona da escola, ou seja, grande parte das informações que temos sobre a professora Cordélia Paiva como pessoa vem do depoimento de Dona Rita. Este assunto será mais explorado no trabalho que complementa o presente texto. Portanto, caro leitor, reforçamos aqui o convite para a leitura da outra parte desta pesquisa de título **Oficinas de ensino na perspectiva da história local: Duque de Caxias e a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva.**



DESTAQUES DAS MEMÓRIAS CONTADAS



Características da Escola Estadual Prof^a Cordélia Paiva

Uma das grandes inquietudes do ambiente escolar é a relação professor-aluno. Muitos estudos do âmbito pedagógico tratam desta questão e certamente é um tema que merece atenção especial. O professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP) Moran (2012) aponta para a dificuldade em harmonizar a afetividade e o autoritarismo necessário para manter tanto a organização, quanto o controle de uma turma escolar. Ao tratar das características da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva (EEPCCP), grande parte dos professores da atualidade e ex-alunos da primeira década de funcionamento da escola refletiu sobre a proximidade na relação professor-aluno. Os depoimentos apontaram para uma característica de forte aproximação afetiva entre docentes e discentes na escola. É possível vislumbrar nos testemunhos que esta percepção se deu, em grande medida, pelo fato da escola ser pequena, pelo ambiente familiar, pelo acolhimento e comprometimento dos docentes e demais funcionários.

Em seu relato, a Articuladora Pedagógica Telma Câmara Vieira argumenta que a proximidade professor-aluno, apontada como característica da escola por vários entrevistados, decorreu de uma base e de um trabalho contínuo para manter esse perfil. Assim, a entrevistada mencionada nos indica um fio condutor dos primórdios da escola à atualidade. Nesse sentido, a escola consolida essa marca de forte relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no ambiente escolar. Além da questão da aproximação entre professores e alunos da EEPCCP, existem obviamente outras características apontadas pelos entrevistados. Portanto, vamos deixar você, leitor, explorá-las. Boa leitura!

Roberta Vieira de Melo Ribeiro

(Professora de Língua Portuguesa e
Diretora Adjunta no momento da entrevista)

O Cordélia se diferencia na maneira como a nossa equipe, desde o princípio, (...) está comprometida em ensinar valores e realmente olhar para o aluno com olhos de amor.

E eu vejo que, na nossa equipe, existe um companheirismo em relação a essa predisposição para apoiar os alunos.

Nossa equipe, além de cobrar do aluno e dos responsáveis, se diferencia porque vai ao aluno com algo a mais, preocupados com os motivos que estão fazendo com que este aluno não tenha um bom rendimento na escola.

Uma coisa que também é importante é a nossa metodologia. Ela abrange também a prática, colocar aquele conhecimento científico em prática. Nós aqui colocamos em prática muitos projetos pedagógicos e esses projetos são elaborados desde o início do ano.

Elita Rosângela Brito Bianco

(Professora de Ciências e
Diretora Geral no momento da entrevista)

O tamanho da escola, o número de alunos que a escola tem, a maneira como a escola é conduzida, variando de gestão para gestão, mas, no geral, se consegue conduzir a escola com o olhar voltado mais para o pedagógico. O tratamento, o acolhimento com as crianças, então existe um vínculo bem fechado com os nossos alunos e, dos últimos anos pra cá, tentamos trazer as famílias.

Luís César Pinto

(Professor de Educação Física e
ex-aluno da primeira década da escola)

Eu trabalho em outra escola do estado há mais tempo, desde 1998, mas aqui é diferente. Pois aqui parece que você sente um pouco de você ao longo da trajetória da escola.

Às vezes, em reunião alguma pessoa fala “minha Diretora falou que não compra material para Educação Física, que tem que comprar material para outras coisas”, mas não é o caso daqui não. Eu lembro um caso de quando eu ainda era “hora extra”, a Luciana era Orientadora Pedagógica e ela me pediu para participar de um projeto. E eu disse a ela que não era um professor de matrícula, mas ela disse que eu poderia fazer porque eu era comprometido com a escola. Fizemos o projeto e deu certo. Na época, a escola recebeu seis mil e quinhentos reais e comprou muitos materiais.

Saulo Vinícius da Silva

(Professor de História)

O número de pessoas negras no Cordélia Paiva é bem significativo. Talvez eu possa até dizer que metade ou quase metade das pessoas que trabalham no Cordélia são negras.

Aqui no Cordélia eu aprendi também que a gente precisa ter um olhar mais sensível para o aluno, por mais que você não consiga saber o nome de todos os alunos, você tentar identificar nos alunos algumas carências é importante. Você não olhar os alunos como, digamos assim, “são todos adolescentes e é isso aí”. Cada um vive um mundo e tem a sua particularidade. Aqui no Cordélia eu já consegui identificar alunos que passavam por momentos de depressão, meninas com braços marcados que vieram relatar problemas em casa. A gente encami-

nha para a Direção, encaminha para a Coordenação. Aqui no Cordélia eu tenho um caso de uma menina que se abriu comigo, veio conversar e ela simplesmente sofria a questão da gordofobia em casa. Uma menina que você olhava assim, aos olhos do senso comum e acredito que até dentro da questão do padrão de beleza, você iria considerar ela bonita pelos adolescentes. Ela não era o tipo de adolescente que iria sofrer algum tipo de *bullying*, mas a avó dela, quase todo dia, enfatizava que ela estava gorda demais. E eu comecei a perceber a menina cada vez mais triste, diferente em sala de aula e ela se abriu e contou sobre isso.

Sabrina Maria dos Santos

(Professora de Artes)

Os alunos são bem amistosos, participativos. Tem essa coisa. Eu acho que o 6º ano carrega muito essa questão da familiaridade, do afeto, de ser muito próximo. De vir de uma escola de 5º ano, que é aquela coisa mais da tia e tal, então isso eu acho bem legal aqui. Tem esse afeto, essa proximidade de aluno, professor, tia. Então, eu acho que isso é um pouco do que difere de outras. Que as outras [em que trabalho] é mais ensino médio. São mais adultos, então não tem essa proximidade tão grande como aqui.

Vanessa Tavares Vicente

(Professora de Matemática)

Essa escola é uma escola pequena. Então, é uma característica diferente de outras escolas. Assim, aprendi a lidar com os alunos, aqui tem um público mais diferenciado. (...) São poucas salas, a quantidade de alunos é menor, então a gente consegue dar uma atenção maior aos alunos. Aqui a gente conhece quase a vida de todos os alunos. Isso in-

terfere muito na aprendizagem, quando a gente sabe lidar com aluno, sabe como é a história dele também. Então, dá pra gente dar mais atenção. Acho que o diferencial é esse, a pouca quantidade de alunos.

Telma Câmara Vieira

(Professora de Matemática e
Articuladora Pedagógica no momento da entrevista)

Nós temos escolas que se comparam até na estrutura física, porque também são escolas pequenas. Mas o relacionamento aqui, quando você entra, vira uma casa. Até a escola parece uma casa, a entrada, o portão, o pátio, tem um relacionamento humano. Nossos alunos são amigos, são filhos, são afilhados, são sobrinhos e esse relacionamento é diferenciado. Não é só porque é uma escola pequena, deve ter uma base muito antiga que trabalhou nisso, não foi o meu trabalho, não foi o trabalho da direção atual, mas foi um trabalho de base que aconteceu, muito importante, e houve essa continuidade. O que difere é isso, esse acompanhamento disciplinar, é você chegar à porta de uma Secretaria e contemplar todas as salas da escola e isso facilita o nosso acompanhamento, o nosso relacionamento com eles, dá mais proximidade.

Eliane da Silva Gomes

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Eles eram muito dedicados. Eles eram rígidos, mas acho que os professores de hoje são mais rígidos que os de antigamente.

Elizabeth Braga do Nascimento

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Muito bom, eu não tenho o que reclamar do colégio, dos professores, dos coordenadores, de ninguém, nem da Maria Célia [Diretora]. Ela é uma pessoa maravilhosa, tranquilíssima, sabe? Tudo que podia, fazia.

Sueli Leandro da Silva Santos

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Aqui eu aprendi muita coisa, a disciplina, o respeito, coisas que eu já tinha na minha casa foram aprimoradas mais aqui, os professores eram muito íntegros com a gente.

E a gente tinha aquela coisa de companheirismo mesmo, junto com os professores também, porque os professores eram muito amigos.

Sebastião Lomar

(Ex-aluno da primeira década da escola)

Os professores, antigamente, vestiam a camisa. Eles não eram “um professor”, eles eram uma família.

Chegou um tempo em que a gente virou uma grande família, todos os professores se conheciam, eram festas, tudo era muito bom.

Rita Marques Resende

(Professora e Diretora Adjunta - aposentada)

Todas as escolas estavam na mesma situação em relação a verba, mas em relação ao aprendizado dos alunos, os professores se empenharam muito, porque o Cordélia era uma escola de primeiro e segundo segmento. Então como era uma escola pequena, ela se tornava acolhedora. Os professores se empenharam muito pelos alunos e isso eu sempre observei no Cordélia. Por isso que eu falo que o Cordélia sempre foi uma escola abençoada nesse sentido.

**Alimentação na escola**

“Dona Cirila veio do interior, de perto de Campos, teve 12 filhos, ficou com seis. Quando chegou a Caxias, tratou logo de arrumar um colégio para os mais velhos. As vizinhas informaram: ‘A escola de Dona Armanda é que presta pra gente’. Dona Cirila foi ver, conversou com a Diretora, gostou. (...) Matriculou uma filha e ficou satisfeita. Resolveu botar os outros no mesmo colégio, mas receava que não aceitassem o Ismael: com seus nove anos, parecia retardado mental, não sabia ler, não entendia nada. O diagnóstico de Dona Armanda foi diferente: ‘Este menino é inteligente. O que lhe falta é alimentação. É por fraqueza, por deficiência física que ele não consegue estudar.’” (Obry, 2016. p. 155)

Começamos este tópico com uma citação sobre a primeira escola a fornecer merenda na América Latina. Estamos falando da Escola Municipal Dr. Álvaro Alberto, situada em Duque de Caxias e fundada, no ano de 1921, pela professora Armanda Álvaro Alberto. A instituição passou a ser conhecida como a escola “mate com angu”, pois esta era a refeição fornecida aos alunos. Se fôssemos apelidar a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva (EEPCCP) pela merenda fornecida, ela seria conhecida como “escola macarrão com salsicha”. A maioria dos

ex-alunos entrevistados recordaram com saudosismo da alimentação fornecida e destacaram, entre outras, o “concorridíssimo macarrão com salsicha”.

O fato narrado na citação sobre a escola fundada em 1921 é o mesmo revelado por alguns entrevistados da década de 1970 na EEPCP. Portanto, existe um fluxo contínuo do triste cenário da necessidade de fazer refeições na escola, resultado da dificuldade alimentar de parte da população local. É notório que o problema persiste até os dias atuais, tanto na cidade de Duque de Caxias, quanto em inúmeras cidades espalhadas pelo Brasil.

Além da questão social, existe também a questão do valor nutritivo, pois a merenda servida deve contemplar a educação alimentar e nutricional. As investidas das pesquisas do campo da Nutrição resultaram em algumas medidas governamentais a partir do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). De acordo com a professora e pesquisadora Adriana Angelita da Conceição, da Universidade Federal de Santa Catarina, “a compreensão e a criação de ações de educação alimentar e nutricional integradoras e não homogeneizantes colocam um desafio: transgredir da simbologia da alimentação escolar vinculada ao assistencialismo para ser vista como a garantia de um direito” (Conceição, 2019. p. 6). Portanto, estamos diante de um desafio imenso, que atravessa gerações e atinge uma grande quantidade de pessoas. Pode-se observar na leitura deste tópico, entre outras coisas, a fala de alguns entrevistados sobre o sensível tema.

Sandra Leandro da Silva Martins
(Ex-aluna da primeira década da escola)

Gente, era ótimo! Tinha o famoso macarrão com salsicha, eu não sei se o nosso paladar que não era tão apurado na época, mas eram comidas

ótimas, angu à bolonhesa, com carne moída. Também era importante porque tinha muita gente que não tinha alimentação direito em casa e a gente se alimentava era na escola mesmo. Como a gente vê isso até hoje.

Denise Ribeiro Lima da Silva

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Eram excelentes as refeições, o pessoal gostava muito, tinha mingau, tinha polenta, carne moída, essas coisinhas assim. As refeições eram boas.

Acho que é como acontece hoje em dia, tem criança que vai pra escola mais para se alimentar. Tenho uma amiga que trabalha numa escola e ela fala isso. Quando chega final de semana, coitadas das crianças.

Eliane da Silva Gomes

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Eu gostava muito da merenda. Tinha uma sopa que eu gostava muito, tinha um macarrão com salsicha que eu também gostava.

Elizabeth Braga do Nascimento

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Tudo aqui pra gente, o biscoito, tinha carne moída, eu vou até falar pra você, eu tenho pavor de macarrão com salsicha por causa do colégio, eu tomei trauma, porque assim, hoje eu não como por causa do colégio, porque era o que tinha, mas a gente ficava muito satisfeito porque era o que tinha.

A alimentação era muito boa. Tinha Toddy, sempre biscoito maisena. (...) Tinha macarrão com sardinha de lata, eu não sei o que era aquilo não, mas era alguma coisa que parecia sardinha em lata. Eu não sei, era tipo uma pastinha que botava em cima, mas eu acho que era sardinha em lata. Muito boa, eu adorava, a comida era muito boa. E a minha merendeira, a Dona Isabel, também maravilhosa.

A merenda era tudo, a gente vinha pro colégio pra merendar, pra comer, pra sair alimentado, porque era o que às vezes faltava em casa.

Cidney Júlia Ribeiro Magalhães

(Ex-aluna, matriculada em 2006 no noturno)

De noite tinha janta, tinha dia que era arroz, feijão, carne. No outro dia era uma sopa e todo mundo se alimentava bem.

Sueli Leandro da Silva Santos

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Sempre foi muito bom, mas não tinha um refeitório. Nos últimos anos sim, mas nos primeiros anos a gente não tinha um refeitório, a gente se alimentava, mas pegava o prato e comia às vezes até dentro da sala de aula.

A escola até hoje sempre teve uma alimentação muito boa, não tinha um dia que a gente ia ao refeitório e falava: “Ah, hoje a comida tá ruim”. As merendeiras sempre muito meigas e dóceis com a gente, (...), sempre gostei.

Sebastião Lomar

(Ex-aluno da primeira década da escola)

Muitos vinham para cá estudar, mas já pensando na hora do almoço. Era aquele famoso macarrão com salsicha que todo mundo gostava, a carne moída com arroz e ainda tinha umas sobremesazinhas, tinha um angu com polenta que eu amava. Eu nunca fui ruim de boca, eu sempre fui bom de boca. Todo mundo gostava de todas as merendas daqui que eram fabricadas pela Dona Isabel e Dona Irene. Dona Irene era uma gordinha meio brava, mas um amor de pessoa, já Dona Isabel era mais carismática, mas era mais na dela. Mas são pessoas marcantes.

Luís César Pinto

(Professor de Educação Física e ex-aluno da primeira década da escola)

Eu lembro que tinha macarrão com salsicha e era concorridíssimo. Era gostoso mesmo. Também tinha almôndega com angu, às vezes tinha canjica, mas era mais difícil. Mas a maioria das vezes era almôndega com angu e macarrão com salsicha. A galera adorava a merenda, as cozinheiras eram excelentes. Na época, nós não tínhamos o refeitório, nós recebíamos a merenda na porta da cozinha e sentávamos no pátio para merendar.

Rita Marques Resende

(Professora e Diretora Adjunta - aposentada)

Foi uma época muito difícil, a escola naquela época. Não era uma empresa ainda que recebia verbas. Praticamente todas as merendas que chegavam eram enlatadas, alimentos prontos e era difícil.



A Escola Estadual Prof^a Cordélia Paiva e a comunidade local

Não há dúvida de que a comunidade, a escola e a família devem estar conectadas com o propósito de uma boa educação para a população local. É extremamente necessário que a escola e a comunidade sejam parceiras e influenciem uma à outra na busca por uma educação de qualidade. Paulo Freire lançou as bases da concepção de Escola Cidadã e Popular (Antunes & Padilha, 2010). O patrono da educação brasileira defendia que docentes, discentes, familiares, comunidade local e todos os funcionários tomassem decisões democráticas com relação ao funcionamento da escola. Portanto, um dos objetivos deste trabalho foi tentar perceber a relação escola/comunidade e traçar algumas visões da EEPCP a partir dos entrevistados.

Baseando-se nas observações da equipe de pesquisa e nas entrevistas realizadas até o momento, é possível vislumbrar uma relação positiva entre comunidade e escola. Percebemos que a EEPCP é vista como escola de referência na localidade em que se encontra. Os entrevistados destacaram, entre outras coisas, relatos dos pais de alunos, a afetividade entre funcionários e alunos e a seriedade do trabalho, tanto da equipe diretiva, quanto do corpo docente. Observamos também que existe uma disputa por vagas na escola, visto que uma das características da EEPCP é seu tamanho, pois conta com apenas seis salas de aula e hoje funciona em apenas dois turnos. Muitos ex-alunos fazem questão de indicar a escola aos familiares e buscam matricular seus filhos, pois a marca deixada pela escola é de grande positividade em suas vidas.

Roberta Vieira de Melo Ribeiro

(Professora de Língua Portuguesa e
Diretora Adjunta no momento da entrevista)

Pelo que me parece, ao menos pelo que os pais dizem, eles reconhecem o Cordélia Paiva como uma boa escola.

Os nossos alunos não costumam deixar a nossa escola, temos ótima frequência e um bom rendimento no aprendizado, apesar das dificuldades. Não é uma coisa dessa atual gestão, a escola sempre foi reconhecida como uma boa escola.

Nas reuniões de pais, a maioria das pessoas mostra que quer uma escola que cuide dos seus filhos, que dê segurança aos seus filhos e nós tentamos fazer isso constantemente.

Elita Rosângela Brito Bianco

(Professora de Ciências e Diretora Geral no momento da entrevista)

A escola e a comunidade se comunicam o tempo todo, existe essa troca de conhecimentos, pois as crianças não chegam sem um conhecimento prévio das coisas. Existe uma realidade e a escola ajuda essas crianças e adolescentes a serem inseridos na sociedade com a consciência de que eles fazem parte dessa sociedade. O tipo de atitude e os comportamentos vão fazer diferença onde eles moram, na região, no bairro e também a gente tenta moldar o nosso aluno a ter o perfil Cordélia Paiva. Isso ajuda porque o conhecimento adquirido, as trocas, o convívio colaboram com a vida deles em sociedade e até mesmo na família.

Maria Célia Ramos Guerra

(Primeira Diretora da escola - aposentada)

A fundação da escola foi muito importante porque não tinha uma escola estadual aqui, não tinha, (...) eu achei importante.

Cidney Júlia Ribeiro Magalhães

(Ex-aluna, matriculada em 2006 no noturno)

Essa escola tem um conceito muito grande aqui no Parque Fluminense, vários primos meus estudaram aqui, filhos de primos, muita gente gosta dessa escola.

Elizabeth Braga do Nascimento

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Poxa, aqui foi muito importante para a gente que era pobre. Porque a gente tinha carência de muita coisa, porque a gente pagava aluguel, a maioria não tinha casa própria. Para a gente foi muito importante o colégio aqui em relação a tudo, até a merenda que a gente vinha merendar.

E não tinha asfalto, a gente vinha amassando lama, porque eu morava no “Oito”. Não tem a padaria da entrada? Eu morava ali, eu vinha de lá pra cá amassando barro. Chegava aqui tinha que limpar o kichute. Naquela época era kichute, mas não mudou muita coisa não, assim... tá bem igual.

Sandra Leandro da Silva Martins

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Foi uma instituição muito importante aqui porque nessa época as pessoas tinham o poder aquisitivo muito baixo e uma escola assim, gratuita e com o nível que tinha aqui... Acho que isso foi muito importante para a comunidade.

Tudo era muito precário, era uma época de muita precariedade e poucas casas também. A gente mora há muitos anos aqui, eu vim morar nesse bairro, eu tinha um ano de idade e a gente vai vendo, quer dizer, os morros vão ficando tomados de casas e nessa época era bem menos casas e era tudo muito difícil. Não tinha saneamento básico, era valão aberto, eram ruas enlameadas, eu lembro um episódio que a gente tinha que botar saco no pé para poder não sujar o sapato.

Denise Ribeiro Lima da Silva

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Era assim uma coisa boa, era uma extensão da minha casa, que dava aquele horário, eu queria vir pra escola. No primeiro ano, a minha mãe me trouxe, mas no segundo eu já vinha sozinha, tranquila.

Sueli Leandro da Silva Santos

(Ex-aluna da primeira década da escola)

A escola Cordélia Paiva era uma das mais importantes aqui na época. E era muito importante porque aqui na escola ensinavam coisas como técnicas comerciais, que a gente não tinha em outras escolas e aqui eles ensinavam e também sobre técnicas agrícolas, como plantar, como produzir plantas, a gente plantava a semente e via elas crescendo, a gente depois colhia o que a gente plantava.

Na época que eu estudei era de terra batida, os ônibus passavam, mas demoravam muito, e o único comércio que a gente tinha aqui mais próximo era um armazém aqui de frente, onde agora é um negócio de caldo, que era do seu Divino, a gente sempre comprava lá, doces, balas, guloseimas, era muito bom e a gente parava ali também pra conversar, tomar um refrigerante.

Sebastião Lomar

(Ex-aluno da primeira década da escola)

Por ela ser uma escola estadual, ela é um marco no bairro. E abrangia uma grande área daqui, sabe? Porque todo mundo sonhava em conseguir se matricular em um colégio estadual. Naquela época, era como se fosse uma Unigranrio de hoje. As coisas eram tão difíceis que um colégio estadual no nosso bairro era um fenômeno. E o Cordélia era isso.

Tinha uns [professores] que eram mais grosseiros, até por necessidade, porque sempre existiram aqueles alunos com menos interesse e você via que era cheio de gente sonhando em estudar no Cordélia Paiva e muita gente não dando aquele valor merecido.

O bairro era bom, em vista de hoje, uma mera cidade, um bairrozinho simples, mas naquele tempo era muito mato, mas era um lugar acolhedor. O Parque Fluminense sempre foi... eu moro aqui há 56 anos e eu acho o bairro muito acolhedor, eu não troco aqui por nada. Eu poderia mudar, eu cheguei a pensar em mudar para Saquarema e falei: “Não, eu nasci aqui e vou ficar por aqui”.

Luís César Pinto

(Professor de Educação Física
e ex-aluno da primeira década da escola)

Eu trabalho em uma escola próxima daqui, particular, e, às vezes, o aluno fala assim para mim: “Eu vou para o Cordélia!”. Se lamentando que vai sair da escola dele, por já estar acostumado, porque às vezes o pai está desempregado ou separação de família. Mas eu fico pensando, se todo mundo que fala que vai sair da escola [particular] diz que vai para o Cordélia é sinal de que a escola tem uma aceitação legal e o entorno dela gosta e confia no trabalho. (...) Eu acho que é uma escola que tem muita confiança do entorno e de quem já conviveu aqui com a escola em si.

Transporte sempre teve, essa rua sempre foi a principal. Essa escola não levou muito tempo sem a rua estar asfaltada não, foi nos anos 1970 mesmo que a rua principal foi asfaltada. Moradores no entorno da escola, na via principal, tinham muitos, mas nas ruas paralelas e transversais não tinha essa quantidade de moradores.

Saulo Vinícius da Silva

(Professor de História)

Então, mesmo dentro de uma sociedade que, a meu ver, é hostil à escola e aos professores, o Cordélia consegue ter um respeito aqui no entorno do bairro, no entorno da comunidade. Eu acho que isso até se a gente for olhar de uma forma mais crítica, a gente precisa até parar para pensar no sentido de até que ponto o Cordélia não representa uma espécie de, digamos assim, elitismo dos mais pobres do entorno, porque o Cordélia sempre foi tratado como uma escola, assim: “lá é uma escola pública, mas é boa”, “lá é uma escola para o aluno bom”, “lá é uma escola só para quem quer estudar”. O Cordélia é tratado de uma forma diferenciada, muitas vezes com um discurso de “para quem quer estudar” e “para quem é bom”. É uma coisa que a gente precisa parar para pensar também.

A escola traz essa imagem positiva para o bairro. Eu entendo que é uma escola muito importante aqui para a região e, repito, no sentido de uma escola pública que é levada a sério pelo entorno da comunidade (...). Então é uma escola que eu entendo que é importante para o bairro sim, tem uma notoriedade, uma imagem positiva.

Maria da Conceição Leite Sanches

(Professora de Inglês)

A comunidade vê a escola como a segunda casa mesmo do seu filho. Entrega com aquela certeza de que ali ele vai estar cuidado, bem cuidado. Essa é a relação.

Sabrina Maria dos Santos

(Professora de Artes)

Essa escola se tornou uma escola referência, uma escola que sempre teve uma estrutura séria, eficaz, tanto o comprometimento de direção, quanto professores. Eu acho que isso fez com que essa escola se tornasse tão importante para o bairro e até requisitada mesmo para matricular o filho ou alguém da família aqui. Então, eu acho que essa é a importância. A escola construiu esse nome, essa seriedade, esse ensino que é eficaz, que eles gostam. Então, a escola concretizou, a escola conseguiu estabelecer uma importância no bairro, acho isso aí interessante.

Vanessa Tavares Vicente

(Professora de Matemática)

Essa escola tem uma aceitação muito boa na comunidade escolar. É a escola pública “top” aqui do nosso bairro. Todas as mães quando me encontram às vezes na rua, porque eu também moro na comunidade, sempre perguntam: “Como faz para conseguir vaga?”. Sempre querem que os filhos estudem aqui e a maioria é assim, o irmão já estudou e aí traz a irmã. Agora é no “matrícula fácil”, mas mesmo assim, quando dá meia-noite eles já estão tentando fazer a matrícula [online] para estudar aqui.

Telma Câmara Vieira(Professora de Matemática e
Articuladora Pedagógica no momento da entrevista)

A nossa escola mantém uma relação com a comunidade a partir do comércio. Eles falam “se precisar de pasta 17, eu tenho aqui” e a gente indica, manda na loja x, manda na loja y. Nós temos pessoas da comunidade que vem nos falar “olha, nós vimos um aluno assim e assim” e nós corremos atrás, temos casos que a comunidade é quem nos traz. Muitas vezes, muitas coisas que poderiam acontecer, e que não são boas, são freadas pela Escola Estadual Professora Cordélia Paiva. (...) Então há uma importância muito grande. Os alunos que saem daqui também vão trabalhar no comércio e é sem preconceito nenhum, estão preparados para aquilo e nós encontramos esses alunos não apenas como engenheiros como eu havia falado, mas você os encontra na comunidade. Para mim, a escola faz muita diferença na comunidade.

Rita Marques Resende

(Professora e Diretora Adjunta - aposentada)

A escola sempre teve uma relação muito boa com a comunidade, acredito que tem até hoje. Sempre foi procurada por fazer um trabalho de excelência, sempre recebeu muito bem os pais dos alunos. Nós tínhamos muitos projetos dos quais eles participavam, projetos revolucionários mesmo, posso citar um, que era “Coisa de mãe, coisa de filho”, que a gente fazia anualmente e era uma festa que os filhos se declaravam para as mães e as mães para os filhos. E nesses relatos víamos muitos filhos chorando, até reclamavam um pouquinho da mãe, a mãe reclamava do filho, tudo acabava em choro, o projeto muito interessante mesmo. E sempre, em todos os projetos, a gente envolvia a comunidade até nos projetos extramuros.

E por ser um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) muito bom, todos os pais queriam que seus filhos estudassem no Cordélia Paiva. Era uma escola que tinha nome, era conhecida e eu lembro que a Supervisora sempre falava no nosso nome na Secretaria de Educação.

 **Dificuldades e desafios**

As dificuldades e desafios mencionados durante as entrevistas se apresentaram como questões cotidianas comumente presentes no âmbito escolar e que também impactam a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva. Alguns relatos apontam dificuldades na gestão da instituição, pois a escola lidava com a ausência de um Orientador Educacional e de um Coordenador Pedagógico no momento das entrevistas, o que se refletia em uma sobrecarga da direção e da articulação pedagógica. No depoimento de Roberta Vieira de Melo Ribeiro – professora

de Língua Portuguesa e Diretora Adjunta no momento da entrevista – foram mencionadas, não só a falta de um Orientador Educacional na escola naquele momento, como também, a debilidade da relação família-escola na instituição. Além disso, a Diretora Adjunta afirma que um maior desenvolvimento pessoal e intelectual dos discentes se efetivará quando a família fortalecer o vínculo com a escola. A partir dos apontamentos da entrevistada citada, foi possível observar que as dificuldades apresentadas estão interligadas. De acordo com Giacaglia & Penteado (2014), uma das funções da orientação educacional é estabelecer e/ou ampliar a relação entre a família e a escola:

Além de lidar, diuturnamente, com alunos e funcionários no ambiente escolar, o Or. E. pode ser solicitado ou precisar interagir com pessoas que não se encontram normalmente na escola. As interações mais frequentes são as realizadas com os pais ou responsáveis pelos alunos, seja pessoalmente, seja por meio de correspondência aos cuidados dos alunos. (Giacaglia & Penteado, 2014)

Neste ponto, vale uma reflexão sobre a deficiência na relação família-escola e a falta de um Orientador Educacional na Escola Estadual Professora Cordélia Paiva no momento das entrevistas. Visto que a função deste profissional é construir e cultivar o relacionamento entre a instituição escolar e os familiares dos estudantes.

Durante as entrevistas, a menção à estrutura física da instituição apareceu com frequência. Alguns entrevistados apontaram para o espaço limitado daquele ambiente, uma vez que a escola possui um pátio pequeno e não dispõe de uma quadra de esportes, o que compromete a atuação dos professores e profissionais de educação. Isto dificulta a realização de atividades práticas, projetos pedagógicos e, principalmente, limita o trabalho do professor de Educação Física na escola.

Também foram relatadas pelos entrevistados algumas práticas pedagógicas autoritárias. No entanto, é preciso considerar que apesar das

práticas serem totalmente errôneas, o contexto educacional era outro. Os entrevistados que pontuaram essas práticas foram alunos da escola entre 1973 e 1981. Observar as diferenças e as transformações educacionais da época nos possibilita problematizar práticas autoritárias e conservadoras utilizadas no passado, para que se possa compreender o papel da educação na atualidade.

Roberta Vieira de Melo Ribeiro

(Professora de Língua Portuguesa e
Diretora Adjunta no momento da entrevista)

No geral, são muitas as dificuldades em uma escola, do professor precisando de apoio em sala de aula. (...) Tento dar esse apoio como direção da escola, porque sabemos da necessidade dos professores terem alguém para ajudar, devido à falta de funcionários. Falta um Orientador Educacional e a falta de pessoas para estarem ali dando um apoio no dia a dia.

Como ponto negativo principal é a falta de apoio que nós temos da família, a relação familiar e a escola. Só os familiares podem dar o apoio ao aluno para que eles tenham um melhor desenvolvimento dentro da escola.

Elita Rosângela Brito Bianco

(Professora de Ciências e Diretora Geral no momento da entrevista)

Tive dificuldades, pelo menos, com o apoio pedagógico. O apoio pedagógico é muito importante, principalmente com material para o professor trabalhar. Em alguns momentos nesses 12 anos me faltou esse apoio e eu acho isso um ponto negativo.

A gente aqui no Cordélia tem uma dificuldade de sempre. Entra gestão, sai gestão, a dificuldade é a mesma, que é termos uma quadra esportiva pras crianças, como direito, um dever do Estado, mas isso nos falta (...) é muito difícil e negativo para a escola, mas mesmo assim, a disputa para conseguir uma vaga no Cordélia Paiva é grande.

Eliane da Silva Gomes

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Tinha um reforço no sábado, aí eu caí do ônibus e quebrei o fêmur. Fiquei oitenta dias com o gesso nas duas pernas e perdi o ano letivo. Eu lembro que eu chorei muito, pois eu era uma boa aluna, tirava notas boas e nunca tinha repetido ano. Eu falava para minha mãe pedir para que levassem os trabalhos na minha casa, mas ela falava que não podia. Quando eu vi que não tinha completado o ano letivo por conta das faltas, lembro que chorei muito.

Elizabeth Braga do Nascimento

(Ex-aluna da primeira década da escola)

E o que me marcou muito, que eu levei muitos beliscões, porque eu era muito quieta. A bandeira hoje não existe mais, hasteava a bandeira ali, você tinha que ficar em volta pra cantar o hino nacional e se você estivesse sem a fitinha, eu vinha sempre sem a fitinha, aí a Dona Madalena, que era minha professora na 4ª série, me lembro nitidamente. Hoje eu encontro com ela sempre em Caxias, ela tá bem velhinha, mas eu adorava ela, porque foi ela que me botou assim, sabe, aquele ritmo que você precisa. Porque minha mãe trabalhava, quem me criava era minha irmã mais velha e ela que vinha pras reuniões. E Dona Madalena me beliscava e dizia assim: “Elizabeth!”. Hoje ela iria ser processada, porque

não pode mais. Mas ela me beliscava, “Elizabeth, olha pra bandeira!”, porque eu não cantava, ela queria ficar escutando eu cantar. E eu não cantava, aí ela me beliscava, eu: “Dona Madalena, isso não pode!” E ela me beliscava. Mas, olha, eu tenho muitas recordações maravilhosas da Dona Madalena, minha professora da 4ª série, ela era fantástica.

Sandra Leandro da Silva Martins

(Ex-aluna da primeira década da escola)

A gente lembra também do uniforme, era assim... um irmão passava o uniforme para o outro, eu era a mais nova da minha casa, a caçula, e eu tinha que esperar minha irmã no meio do caminho para pegar a blusa que ela usava, a blusa do uniforme, para colocar, para entrar, porque nem isso os pais podiam comprar, blusa pra todo mundo. Então essas coisas eu me lembro também, mas era assim, falando assim parecem coisas tristes, mas não eram, eram coisas boas até, a gente via como coisas boas.

Sebastião Lomar

(Ex-aluno da primeira década da escola)

Eu já cheguei a lembrar de uma professora que colocava os alunos no milho. Na época, a gente achava tudo muito natural, dar uma palmada com aquelas palmatórias, ficar na sala da diretoria em pé em toda a aula, eu nunca fiquei.

Eu lembro das dificuldades que, no geral, eram para todos. Aqui era rua de barro, eu moro a três quilômetros daqui da Cordélia Paiva e 90% das vezes a gente vinha a pé. É barro, lama, chuva, porque eram pouquíssimos ônibus e a maioria tinha os horários meio estranhos e

eles, quase sempre, passavam lotados. Para você descer aqui era uma dificuldade enorme, então a gente tinha mais era que andar a pé e esse era um hábito de todo mundo.

Luís César Pinto

(Professor de Educação Física e
ex-aluno da primeira década da escola)

É não ter a quadra. Você não ter um local adequado para a Educação Física. (...) E também tem outro fator, no passado eram três tempos de aula de Educação Física. Então você tinha um pouco mais de tempo, a retirada de um tempo deixou mais restrito.

Saulo Vinícius da Silva

(Professor de História)

Eu lembro que uma experiência marcante que eu tive foi quando eu trouxe músicas do início do século XX para trabalhar em uma aula aqui do Cordélia, porque eu fui trabalhar com uma turma de 9º ano sobre o início da República no Brasil e fiz uma contextualização, tentando mostrar o que surgia na época, comentei com os alunos sobre a perseguição que existia sobre as manifestações culturais de origem afro-brasileira, como, por exemplo, a perseguição que existia em relação ao samba, capoeira e candomblé. E aí eu trouxe alguns sambas do início do século XX, alguns dos primeiros sambas e foi uma experiência interessante que, na época, eu me senti um pouco frustrado, porque eu queria que o comportamento dos alunos fosse um comportamento, digamos assim, de levar a sério. Eu acho que, naquela época, faltou um pouco de sensibilidade da minha parte de entender que eu

estava lidando com adolescentes. Então eu lembro que eu fiquei frustrado porque os alunos fizeram uma algazarra muito grande porque eles achavam que a voz dos cantores era esquisita, eles achavam que o ritmo do samba não era um samba de verdade. E hoje em dia, quando eu olho para aquela época, eu percebo que eu consegui afetar aqueles alunos, foi uma aula marcante para eles. Só que dentro de um conservadorismo de professor, eu acabei ficando frustrado, porque naquela época eu entendia que o professor deveria ter controle da turma.

Maria da Conceição Leite Sanches

(Professora de Inglês)

Nosso espaço é pequeno, então a gente não tem como, às vezes, mostrar o nosso projeto. Os alunos querem mostrar uma dança, eles têm um espaço pequeno pra mostrar aquilo, eles têm necessidade. Até outros trabalhos que a gente tem, é pouco espaço para mostrar tudo que eles fazem, que eles criam. Então, esse é o ponto infelizmente negativo.

Sabrina Maria dos Santos

(Professora de Artes)

Por se tratar de uma escola pequena, às vezes falta espaço. Um espaço para desenvolver uma aula mais dinâmica, isso deve atingir um pouco mais professores de Educação Física. Por não termos espaço.

Vanessa Tavares Vicente

(Professora de Matemática)

O que pega aqui nessa escola, o ponto negativo mesmo é a falta da quadra. Eu sou professora de Matemática, mas isso acaba implicando para todas as disciplinas, que você quer fazer algo diferente e a gente não tem espaço aqui. De usar a turma toda, só tem as salas e não tem um espaço a mais.

Telma Câmara Vieira(Professora de Matemática e
Articuladora Pedagógica no momento da entrevista)

Foi eu ter saído desse ambiente [sala de aula], foi quando eu vim para a área administrativa, não foi por escolha própria e o meu desvio de função foi para um desvio administrativo. (...) Ontem mesmo eu tive um aluno em crise pelo pai, porque aconteceu um problema particular, nós tivemos que levar este aluno em casa, todo trêmulo, todo gelado, com medo do que ele ia encontrar em sua casa, mas graças a Deus está tudo bem.

Rita Marques Resende

(Professora e Diretora Adjunta - aposentada)

Como negativo o espaço físico, nós nunca conseguimos. Aliás, o Cordélia nunca conseguiu uma quadra. (...) Talvez se o Cordélia Paiva tivesse mais espaço, não sei. As crianças se restringem só a um corredor e ficava muito difícil a disciplina na hora do recreio. (...) Esse é um aspecto super negativo.

E eu costumo dizer que agora a escola tem o alfabeto todo, não é só o Diretor e o Adjunto, mas acredito que falta a direção se articular com todas essas pessoas para que tudo dê certo. Digo isso em todas as escolas, não estou falando especificamente do Cordélia. (...) Eu posso dizer que posso comparar a educação com a saúde. Antes você tinha um médico, que chamava clínico geral, como o próprio nome dizia ele atendia a todos os problemas de saúde da população e a escola naquela época era isso. Tinha um Diretor, esse Diretor tinha que gerir tudo sobre a escola, também havia limites e ele era escolhido politicamente. Eu acredito que depois que a escola começou a ter várias pessoas fazendo esse papel, um faz o papel muito bem e o outro não faz tão bem, isso complicou, a meu ver, a Educação.



Positividades, otimismo e esperança

Entre as características positivas constantemente apontadas durante as entrevistas temos o vínculo entre colegas de trabalho na instituição e o bom relacionamento entre professores e alunos. Outro fator observado durante o processo de entrevistas é a recorrência de memórias afetivas construídas e cultivadas por ex-alunos sobre a escola, sobre professores e colegas de turma durante a época em que estudaram na escola. Durante toda a nossa vida nossas memórias se constroem a partir de fatos que marcaram a nossa trajetória positivamente ou negativamente, Lobato afirma que:

A lembrança revela o que foi empobrecedor e o que foi enriquecedor, e revela, sobretudo, aquilo que marcou nossa experiência de vida. Períodos marcantes são trazidos com seus pormenores, demandam esforço do depoente para lembrar-se dos acontecimentos, das pessoas, das datas e dos lugares. (Lobato, 2016)

O tipo de memória que se cultiva sobre a escola é muito importante para o desenvolvimento da identidade do indivíduo, pois uma experiência negativa como o *bullying*, por exemplo, pode fazer com que o aluno não lembre do ambiente educacional com positividade e pode ocasionar uma possível desmotivação ao relembrar os momentos vivenciados nesta época.

Diante disso, a partir das entrevistas, é evidente que a experiência dos ex-alunos da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva durante o período em que estudaram na instituição foi muito significativa e que alguns professores marcaram as suas vidas de forma positiva, pois são mencionados com muita afeição. Também foram mencionadas lembranças sobre passeios e momentos de interação entre os colegas. Além disso, a forma como eles mencionam os colegas de classe deixa explícito a amizade, a troca de saberes e o companheirismo que foram constituídos no ambiente escolar.

Roberta Vieira de Melo Ribeiro

(Professora de Língua Portuguesa e
Diretora Adjunta no momento da entrevista)

O que me vem à mente como um aspecto positivo e que, na verdade, ele é muito visível a mim tanto em uma função como em outra é a sua possibilidade de edificar vidas. De você conseguir se aproximar do aluno, que é o nosso foco na escola.

Elita Rosângela Brito Bianco

(Professora de Ciências e
Diretora Geral no momento da entrevista)

Fator positivo é que é uma escola pequena, ensino fundamental, são adolescentes que você consegue ter facilidade em lidar, pela fase de vida deles, a transição. Então, o fato da escola ser menor que um Ciep, colabora muito no trabalho do professor com o aluno.

Maria Célia Ramos Guerra

(Primeira Diretora da escola - aposentada)

A gente fazia um projeto de alguma coisa e todos se envolviam, não tinha assim nenhuma discórdia, entendeu?

Sandra Leandro da Silva Martins

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Tinha muitos projetos, tinha canções, para os alunos fazerem canções, aí era assim a nível de município. Aí várias escolas participaram, além dessa de poesia que a minha colega ganhou e tinha também, assim, quando a gente tinha que fazer um trabalho pra escola a gente tinha que ir para o Centro de Caxias, na Câmara Municipal e pesquisar, fazer pesquisas lá, tinha uma biblioteca dentro da Câmara e a gente ia lá pra isso, a nossa saída era isso, a gente gostava de ir, era a nossa saída na época, como se fosse ir ao *shopping* hoje em dia.

Sueli Leandro da Silva Santos

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Aqui eu aprendi muita coisa, a disciplina, o respeito, coisas que eu já tinha na minha casa foram aprimoradas mais aqui. Os professores eram muito íntegros com a gente e eu lembro que a professora de História... eu aprendi a escrever muito mais rápido com ela, porque ela ditava bastante texto, a gente escrevia, ela fazia questão.

Os professores quando passavam trabalhos pra gente, eles falavam: divide em grupos, aí tinha aquelas pessoas que não tinham muito entrosamento, a gente agrupava, se entrosava. E tinha negócio de escrever também as matérias, quando a gente ia pegar as matérias que alguém tinha faltado, a gente sempre ajudava, tinha várias vezes que amigos meus faltavam e falavam: “ó, dá pra você passar a matéria pra mim?” E a gente tinha aquela coisa de companheirismo mesmo, junto com os professores também, porque os professores eram muito amigos.

Luís César Pinto

(Professor de Educação Física
e ex-aluno da primeira década da escola)

O apoio da direção, dos colegas de trabalho, sempre que é solicitada alguma coisa dentro do que é possível. A escola procura fornecer, procura atender e também é uma troca. Se você corresponde à expectativa da escola, a escola tende a devolver a atitude e vice-versa.

Saulo Vinícius da Silva

(Professor de História)

E o Cordélia também foi uma escola que me ajudou muito na questão da sociabilidade, porque eu saí da faculdade e passei a viver na situação de monitoria numa escola particular e convivendo com pessoas que faziam História que eram da minha idade e aqui no Cordélia eu vivi com pessoas com experiências diferentes, convivências diferentes, pessoas que tinham idades bem diferentes da minha e algumas pessoas com a idade bem mais avançada. E assim, foi muito bom aprender com essas pessoas, foi muito bom aprender ensinamentos, dicas, e enfim, então, essa questão da sociabilidade, fazer amizades com pessoas que, em teoria, não seriam da minha “tribo”, digamos assim, seriam pessoas que, fora do Cordélia, eu não iria me identificar, eu achei que isso ficou muito interessante para minha vivência também. O Cordélia é um lugar de grandes memórias, de boas lembranças.

Maria da Conceição Leite Sanches

(Professora de Inglês)

O ponto positivo de trabalhar aqui no Cordélia Paiva é a equipe. Quer dizer, nós somos bem coesos, nós somos unidos. Então, um abraça o projeto do outro, não só os professores, mas a direção e também a equipe de apoio. Todos são solícitos. Então, esse é o nosso ponto positivo.

Às vezes a gente pensa: Ah, aquele aluno ali é aquele que de repente vai te dar um afago, que percebeu que você naquele dia não está bem, e só aquele olhar diferente dele já deu aquele afago no coração, isso é que é o bacana.

Sabrina Maria dos Santos

(Professora de Artes)

Então, por se tratar de uma escola pequena, que até lembra o modelo municipal, de primeiro segmento do ensino fundamental, que os alunos, os professores (...) conseguem ter um relacionamento mais próximo.

Telma Câmara Vieira

(Professora de Matemática e
Articuladora Pedagógica no momento da entrevista)

A área pedagógica sempre foi muito defendida em qualquer circunstância. Eu cheguei aqui pegando o ensino fundamental I, eu trabalhava com o 1º ao 5º ano e sempre houve uma primazia à alfabetização, aos cálculos e à interpretação de texto.

Rita Marques Resende

(Professora e Diretora Adjunta - aposentada)

O que posso te dizer de positivo era esse trabalho do Cordélia Paiva junto com toda a comunidade escolar, um trabalho muito bom. As mães ficavam ansiosas para que os filhos saíssem, saíam também com eles. No nosso projeto, a cada dois meses nós tínhamos um lugar para ir. Conhecer a Central do Brasil, ir ao cinema com alunos que, na época, não conheciam nem o cinema. A gente conseguia vagões no metrô só para nós, no trem também. Foi muito interessante e eu acho que toda escola deveria ter projetos extramuros, porque você aprende a conhecer os alunos, os pais dos alunos, as suas dificuldades e saber como tratá-los. Isso foi muito bom! Eu amava esse projeto e ele é conhecido até hoje, os pais dos alunos falam até hoje dessas nossas saídas da escola.

O nosso grande projeto foi “Uma história de amor pelo Brasil”, que a gente fazia passeios com os alunos, sempre levava responsáveis, professores também. (...) E nesses projetos a gente aprendia a conhecer o aluno fora da escola, a história deles, que eles nos contavam, ficavam felizes de ter a chance de conhecer. Em um desses projetos nós conhecemos um professor que fazia doutorado na Inglaterra e ele ficou encantado com os projetos da escola. Ele nos seguiu em alguns projetos extramuros e ele também esteve na escola e entrevistou alunos para o doutorado dele, foi muito interessante.

O positivo, sempre na minha época os professores eram extraordinários, ajudavam muito a direção, é por isso que nós tínhamos sempre um Ideb muito bom, professores comprometidos. Era raro ter um que não fosse. E quem chegava ao Cordélia Paiva se transformava porque via a atuação dos colegas, da direção. A direção sempre foi muito presente na escola, tanto de manhã, como de tarde e de noite.



Fatos marcantes

O cotidiano escolar é atravessado por diversos acontecimentos que marcam profundamente a trajetória de vida dos indivíduos inseridos neste contexto. Além disso, a partir da narrativa dos entrevistados, podemos observar as particularidades da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva, da localidade e das próprias relações estabelecidas pela comunidade escolar. Ao analisar o relato da ex-aluna Cidney Júlia Ribeiro Magalhães, percebemos a importância da orientação da equipe diretiva e a boa recepção em sala de aula para que a ex-aluna se motivasse a continuar os seus estudos. A trajetória da volta aos estudos de Cidney foi descrita por ela no poema Nunca desista dos seus sonhos, que veremos adiante.

Um dos aspectos destacados pelos entrevistados acerca da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva é a relação próxima entre diretores, professores, alunos e responsáveis, possibilitada, entre outras coisas, pelo fato da escola possuir poucas turmas e um pequeno espaço. Além do mais, as festividades e os projetos elaborados pelos professores mostram relevantes espaços de socialização que ficaram marcados na memória de muitos ex-alunos, estimulando o trabalho em grupo e o companheirismo entre eles.

No decorrer das entrevistas, a relação professor-aluno foi lembrada com muita afeição. De acordo com Monteiro & Penna (2011), os professores marcantes são apontados como aqueles que conseguem explicar didaticamente e, ao mesmo tempo, estabelecer uma relação pessoal com os alunos. Sendo assim, ao observar os nomes dos professores se repetindo a partir de cada entrevistado, podemos identificar os esforços para manter uma relação mais próxima em sala de aula.

Cidney Júlia Ribeiro Magalhães

(Ex-aluna, matriculada em 2006 no noturno)

Eu entrei aqui com muito receio, porque eu era mais velha e tinha muitos adolescentes, mas eu conquistei eles com carinho, com amor. Eu sempre os tratava com respeito, ao invés deles me respeitarem, eu que respeitava primeiro. (...) Procurei um meio de conquistar eles, aí anotei a data de aniversário deles e a cada três meses eu comemorava os aniversários. Fazia um bolo, salgadinhos, os meninos compravam refrigerantes e na hora do recreio a gente cantava parabéns. Eu trazia bombons e os conquistei, assim, como se fosse uma tia pelos seus sobrinhos, como se fosse uma avó, e assim eu conquistei eles.

Me aposentei com 60 anos e pensei, não tenho mais nenhuma preocupação com trabalho então vou voltar a estudar. Mas não pude me matricular por que eu não tinha documento de escolaridade e no meu tempo não dava isso, era colégio público comum e a gente não tinha documento nenhum. Aí a Diretora Rita me orientou a procurar a Secretaria de Educação e lá buscar comprovantes que eu já tinha estudado. Fui lá e eles me deram. Voltei à escola, fiz minha matrícula e comecei a estudar. Mas eu tive essa dificuldade e através da orientação eu consegui.

Entrevistadora: O que inspirou a senhora a fazer um poema?

Entrevistada: Foi a emoção que eu tive de me matricular na escola, por que eu queria estudar, e quando eu consegui, Deus me deu essa luz.

Nunca desista do seu sonho

Na minha infância não pude estudar
Pois ainda muito jovem tive que trabalhar
Por ser de família humilde
Todos tinham que ajudar

Ao completar 60 anos, tive vontade de estudar
Procurei a Escola Cordélia Paiva
Para me matricular
Mas sem o atestado de escolaridade
Na escola não pude entrar

Foi aí que a Diretora
Deu-me uma boa orientação
Que com todos os meus documentos
Procurasse a Secretaria de Educação

E depois de tudo pronto
Tive uma grande emoção
Voltei ao Cordélia Paiva
Com documentos na mão
E a Diretora recebeu-me com satisfação

Em 20 de fevereiro comecei a estudar
Tive grande emoção
Quando na sala fui entrar
Tive medo que os mais jovens
Fossem de mim debochar

Foi um grande engano meu
Foram todos meus amigos
Tratam-me com muita dedicação
Por isso eu guardo todos
Dentro do meu coração

Sem falar nos professores
Que estão sempre a me ajudar
Porque aos 60 anos voltei a estudar
E do Cordélia Paiva
Não pretendo me afastar

Se Deus do céu me ajudar
No Cordélia vou ficar
Pois só pretendo sair
Quando o estudo terminar

Procuro cumprir meu dever
Com amor e satisfação
E só pretendo sair daqui
Com meu diploma na mão.

Elita Rosângela Brito Bianco

(Professora de Ciências e
Diretora Geral no momento da entrevista)

Foi a pandemia. A gente entrou no momento em que as escolas foram fechadas. Quando nós retornamos à escola foi triste de ver a escola fechada, empoeirada. Parecia assim: o mundo acabou, somos os sobreviventes e estamos aqui. Abre-se as escolas, limpa tudo, muita incerteza de como a gente trabalha, máscara e aqueles equipamentos de guerra que não estávamos acostumados, ninguém estava, e ter que começar a gestão dessa forma foi realmente o que mais marcou.

Maria Célia Ramos Guerra

(Primeira Diretora da escola - aposentada)

A comemoração das datas mais importantes, a gente fazia as festas juninas, eram muito boas, a gente podia fazer na rua as barraquinhas com licença da prefeitura, na rua lá em frente. Fazia a festinha junina que era muito frequentada e o pessoal gostava muito.

Denise Ribeiro Lima da Silva

(Ex-aluna da primeira década da escola)

O que me marcou é que todo dia quando nós chegávamos, nós tínhamos que formar. Formava até ali, naquele canto ali, que a minha sala era ali, né? Nós cantávamos o hino nacional e o hino da bandeira. E eu era sempre chamada para hastear a bandeira, né? Mas assim, isso me marcou muito, porque até hoje eu não esqueço o hino da bandeira. Se tiver que cantar, eu canto ele todinho. Mas, por quê? Me marcou. É uma coisa que eu já até sonhei que eu estava fazendo de novo.

Tem as amizades. Nós brincávamos de roda, cantávamos aquelas canções todinhas. É como eu falei, a escola era uma extensão da minha casa. Os professores, eu falei, a Dona Sandra foi a minha primeira professora. A Dona Penha, a Dona Edna, a professora Malba, muito boas, muito boas mesmo. Tive um professor aqui de Educação Física, Zé Luiz. Acho que era Zé Luiz, se eu não me engano, não lembro bem do nome dele. Pessoas muito boas mesmo.

Eliane da Silva Gomes

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Foram muitas amizades boas e os professores também marcaram muito a minha vida. A Dona Gilda, a professora Malba que, de vez em quando, eu esbarro com ela. Eu também lembro do professor Mário, de Matemática. Eu lembro que a escola fez uma rifa para a escola toda e o prêmio era um disco da Tina Charles. E eu ganhei. Eu fiquei tão feliz que até hoje eu gosto das músicas dela.

Elizabeth Braga do Nascimento

(Ex-aluna da primeira década da escola)

O meu professor de artes Paulo Roberto trouxe, na época, um ator do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Ele trouxe esse ator global. Então foi assim pra gente, pobre, que a gente não tinha acesso, só na televisão, saber que a gente está conhecendo um artista pessoalmente, botando a mão, era emocionante. Aí ele trouxe esse ator global que é o Evaristo. Ele foi na época o Saci Pererê do sítio do Pica-Pau Amarelo e hoje a gente vê a filha dele, a Dandara. Então a gente fala: “Pô, aquela ali é filha de um ator que foi no meu colégio Cordélia Paiva”. Eu falo com a maior emoção que estudei aqui pra todo mundo: “Gente, eu estudei ali. Olha, foi

meu colégio, eu entrei ali menina, saí dali mulher”. Porque eu saí daqui já tinha quase 15 anos. Quer dizer, minha infância foi todinha dentro desse colégio e não tenho nada que falar não, eu adoro, falo bem pra todo mundo e falo com a minha filha, pro meu neto: “eu estudei ali”, quando eu passo. Aí, meu neto: “é mesmo?”, porque acha, assim, tudo muito pequenininho.

Sandra Leandro da Silva Martins
(Ex-aluna da primeira década da escola)

Eu lembro que tinha concursos de poesia. Eu lembro que uma amiga minha, Djaneide, ganhou. E era um concurso assim, a nível de município. Então, ela ganhou nessa época. Eu lembro que eu também fiz umas poesias. Lembro também da parte cultural que tinha, tirava a semana toda pra fazer aquelas culturas, religião e tudo, a gente representava aqui na escola.

Eu lembro também na época que a gente chegava na 8ª série, tinham as formaturas e realmente a escola toda se juntava, a gente fazia jornalzinho pra vender e eu me lembro que eu não tava na 8ª, eu tava assim na 6ª, 7ª série e um menino da 8ª série tinha que vender uns jornaizinhos, aí ele falou comigo: “Sandra, me ajuda a vender” (era Maurício o nome dele). E eu fui pela escola assim vendendo e era mixaria, coisa assim, aí eu lembro que eu vendi um monte. Aí ele falou pra mim: “Olha, você tem jeito pra venda. Estou com esses jornaizinhos um tempão pra vender e não conseguia”. E eram coisinhas assim que vão ficando na nossa memória mesmo, da escola. Foram momentos muito bons, anos muito maravilhosos da nossa vida que se passaram aqui dentro.

Sueli Leandro da Silva Santos

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Também tinha a questão de que, por exemplo, se tinha uma turma que ia se formar, toda a escola se movimentava para fazer festas, para arrecadar dinheiro, porque nossos pais não tinham condições de fazer. Nessa época, eu lembro que até minha irmã mais velha Lúcia Elena, ela terminou o ano dela aqui, os últimos anos da escola, aí nós programamos tipo uma discoteca, mas era uma coisa tão simples, tão assim, que até os professores participaram junto com a gente e isso marcou muito a minha vida. E as festas folclóricas também que tinham aqui dentro da escola, todos participavam.

E outra coisa que marcou também nessa época pra mim foi que vim de manhã pra cá pra escola com a minha irmã, minha irmã mais velha, e quando a gente estava voltando era de dia, a gente largava 11:00 horas, de dia, a gente voltando pra casa, ficou tudo escuro, era o eclipse e a professora de Ciências já tinha falado sobre eclipse, mas a gente não tinha visto assim. (...) Então foi uma coisa que marcou muito a minha infância, que eu vi um eclipse, a gente via a professora comentando nos livros e a gente presenciou isso na minha infância.

O negócio de hastear a bandeira também achava muito importante isso, porque tinha o dia de hastear a bandeira, a gente ficava todo mundo no pátio e a bandeira ia hasteando e a gente com aquela coisa de realmente civismo, que nós somos brasileiros.

Sebastião Lomar

(Ex-aluno da primeira década da escola)

As grandes festas de caipira, as festas cívicas, hasteando a bandeira. Eu era um aluno bom e a Dona Sônia ou a Dona Malba ou a Gilda sempre indicavam os mais comportados. Para a gente, tudo isso fazia uma grande diferença. Chegaram a acontecer grandes festas juninas. Aqui, hoje, onde fica a parte construída, na época, não tinha, que era uma área onde faziam festas. Recordações todas boas. Até hoje, quem está vivo, quem eu vejo eu ainda conheço, por incrível que pareça.

Luís César Pinto(Professor de Educação Física
e ex-aluno da primeira década da escola)

Como aluno, eu era bem novo. Em 1972 eu estava com 7 ou 8 anos. Eu tinha muitos colegas, vizinhos, eu já conhecia muita gente de fora da escola. Foi muito fácil de me adaptar. E uma das poucas fotos que eu tenho da minha infância é aqui no Cordélia. Eu tenho duas fotos “molequinho”, uma é em um campo de futebol e a outra é aqui na Secretaria. Foi marcante já chegar na escola e conhecer as pessoas, não se sentir um estranho, tinha muitas pessoas da minha convivência, vizinhos e vizinhas que estudavam aqui também. E era uma escola nova que estava começando.

Como professor, tive a experiência de levar um grupo de alunos para a Vila Olímpica de Nova Iguaçu. Foi um evento grande, mas eu achei que o ginásio era pequeno. Estava um calor insuportável, mas fizeram uma apresentação legal e dali saiu uma aluna que conduziu a tocha olímpica, a aluna Thais.

Saulo Vinícius da Silva

(Professor de História)

Quando eu cheguei aqui no Cordélia, ainda não tinha esse olhar de tentar prestar mais atenção nos alunos. Em uma reunião de pais, uma mãe veio perguntar para mim como estava o filho dela na minha matéria. E, dentro daquela ideia de tentar analisar todos os adolescentes da mesma maneira, “ah, são todos bagunceiros!”, “são todos desatentos”, “todos não querem estudar”, eu acabei falando para essa mãe que o filho dela era um bom menino e que só precisava prestar mais atenção e conversar menos. E a mãe simplesmente saiu sem entender. Depois, a professora Gisela viu eu falando aquilo para aquela mãe e riu. Depois da reunião eu fui perguntar para a professora o que havia acontecido e quando ela me explicou quem era o aluno eu me senti totalmente constrangido, porque eu quis dar uma resposta padrão e simplesmente o aluno que eu falei que precisava falar menos era um aluno que tinha extrema dificuldade de se comunicar, ele não falava.

Aqui no Cordélia eu já vivi episódios, já percebi, já vivenciei episódios que mostram que são reveladores das diversas formas de racismo que existem no Brasil. E aqui no Cordélia não é diferente, aqui no Cordélia eu já vivi diversas situações que eu tive que corrigir alunos que estavam tendo posturas racistas e não sabiam que estavam sendo racistas. Então assim, aqui no Cordélia, assim como em outras escolas que eu já trabalhei também, eu percebi muito a questão do racismo recreativo.

Sabrina Maria dos Santos

(Professora de Artes)

Eu acho que um fato pessoal, foi que é uma escola que eu passei no concurso e entrei e estou nela até hoje, há 13 anos. Eu acho que isso mostra um pouco que me sinto satisfeita, acolhida. Eu acho que aqui não tenho pretensão de sair, eu acho que esse é um fator. O fato de você ficar 13 anos num lugar é porque tem algum vínculo ali, mesmo que... ainda mais que a gente poderia ter a opção de mudar e ir para outro lugar e tal, eu acho que isso é um fator importante. Como de uma forma geral, a escola em si, os funcionários, os alunos, as práticas que a gente precisa fazer, a gente faz e tal, colabora com o desenvolvimento da escola. Acho que é mais ou menos isso.

Vanessa Tavares Vicente

(Professora de Matemática)

Aqui eu recebo muito carinho. É porque é ensino fundamental, eu geralmente trabalho com ensino médio, ensino médio eles já são maiores, então não são tão preocupados. Aqui eu senti assim, em cada etapa que foi mudando tanto a minha vida pessoal, eles foram sentindo e colaborando. Quando eu casei, eles fizeram chá de panela, os alunos do noturno. Quando eu saí, quando eu fiquei grávida, eles fizeram chá de bebê. Então assim, a interação com a gente, o carinho que a gente sente deles e eles com a gente também é recíproco. O mesmo que a gente tem com eles. Então aqui, isso que eu sinto, eles são muito carinhosos.

O noturno era muito bom de trabalhar porque a gente recebeu um público de pessoas que estavam há bastante tempo sem estudar. Pela pouca quantidade de alunos, eles achavam que aqui a gente ia ter mais paciência, e tinha mesmo. Então assim, eu sinto muita saudade, era um turno que era muito importante pra escola, pena que acabou. A gente recebia alunos com dificuldade, muito tempo sem estudar, alunos

também que estavam fora da faixa etária. Então, de manhã o comportamento deles às vezes não era muito legal, por esse fato, de estar fora da idade escolar deles. Quando passava para o noturno a gente via a diferença. Então assim, hoje a gente sente muita falta do noturno.

Telma Câmara Vieira

(Professora de Matemática e
Articuladora Pedagógica no momento da entrevista)

Quando a gente encontra algum aluno na rua dando continuidade à vida profissional embasada na Matemática, na ciência exata, que para muitos alunos é difícil, já que eles chegam no ensino fundamental com muitas barreiras. (...) Eu fui professora de Matemática e a gente vê o sucesso de alunos que saíram daqui e foram para escolas técnicas federais ou foram para tecnólogos na área de engenharia, na área de química, na área de física e o berço de tudo isso é a Matemática. Houve uma preocupação muito grande minha em derrotar o monstro da Matemática na vida desses alunos e isso, para mim, foi muito marcante.

Rita Marques Resende

(Professora e Diretora Adjunta - aposentada)

Os fatores marcantes. Tudo é marcante em uma escola na nossa vida educacional. Como eu já comentei, o nosso Ideb era muito bom, isso foi um fator muito marcante. (...) Um fator que eu acho que marcou muito também na minha vida, pois eu seria Diretora Adjunta somente por um ano para ajudar o Diretor Geral e acabei ficando dez anos. Mas eu tinha uma coisa boa, eu era professora também na outra matrícula, então eu tive a oportunidade de conhecer o aluno dentro da sala de aula também. E eles tinham a liberdade de me falar o que eles necessitavam

e isso foi muito marcante. Essas duas posturas de direção e de professora, porque eu vivi os dois lados e sabia das necessidades dos alunos e das necessidades da escola. Isso foi muito marcante na minha vida.

Quando eu cheguei ao Cordélia tinha uma foto enorme dela [professora Cordélia Paiva] que ficava na sala da direção. Depois essa foto foi retirada, não sei o motivo, e foi para um depósito que, mais tarde, pegou fogo. Nós ficamos sem a foto da Cordélia. Em 2012, um sobrinho dela foi ao Cordélia e levou essa foto que tem na escola, mas nem eu, ou o Antônio [Diretor na época] estávamos na escola, nós estávamos em uma reunião e o pessoal não pegou os dados e nem o telefone do rapaz. Ele só deixou a foto e pronto, a gente não conseguiu mais contato com ele. Todo o contato e toda a história dela foi a partir da Igreja de Santo Antônio, aquela do centro de Caxias. (...) Ela [professora Cordélia Paiva] alfabetizava ali no centro de Caxias, na igreja, era nessa região aí do centro. É tanto que ela tem muitos alunos que se tornaram políticos, prefeitos, tem até vereador, por isso que deram o nome dela.



Escola Estadual Prof^a Cordélia Paiva: antes e depois

A Escola Estadual Professora Cordélia Paiva foi inaugurada oficialmente em 1971 e, desde então, houve mudanças significativas em sua estrutura, em seu funcionamento e em seu entorno. Um aspecto muito citado pelos entrevistados, principalmente os ex-alunos que estudaram na primeira década da escola, foi o fato de que não havia um muro dividindo a escola da rua. Ao longo dos anos, o espaço escolar passou por uma reforma e, por fim, construíram uma portaria.

É interessante destacar as falas de Luís César Pinto, professor de Educação Física e ex-aluno, uma vez que ele consegue estabelecer relações entre o presente e o passado, presenciando as mudanças na escola. Inicialmente, como aluno e, depois, professor. No período em que estudava, não havia um local para que os alunos pudessem se sentar e se alimentar. Porém, com a construção do refeitório, os alunos atualmente possuem um espaço específico para a alimentação.

Uma problemática que acompanha a história da escola e as falas dos entrevistados é justamente a falta de espaço, mais especificamente o fato da escola não possuir uma quadra. Por este motivo, a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva encontra diversos obstáculos no planejamento e execução de atividades pedagógicas fora da sala de aula.

Denise Ribeiro Lima da Silva

(Ex-aluna da primeira década da escola)

Então, as obras que foram feitas do lado externo, né? Porque já tem um tempinho que eu não venho aqui. Tem o quê? 27 anos, da última vez que eu entrei aqui, bastante tempo. Então, o externo mudou mui-

to, não era do jeito que é agora com muros, portões. Assim, eu ficava até me perguntando “O que será que está havendo para fazerem isso tudo?” Mais uma violência que a gente vê aí, né? Em geral a gente pensa assim, eles estão fazendo isso para proteção da escola, dos alunos, das pessoas que trabalham, né?

Cidney Júlia Ribeiro Magalhães

(Ex-aluna, matriculada em 2006 no noturno)

Aqui dentro da escola, quando eu cheguei hoje aqui foi a maior emoção, parece que foi o primeiro dia que eu entrei aqui. Quando eu vi as crianças no recreio me deu uma saudade muito grande.

Elizabeth Braga do Nascimento

(Ex-aluna da primeira década da escola)

A gente avistava os ônibus que passavam, porque o ponto do ônibus sempre foi aqui em frente. O muro era baixinho, já houve mudanças, aumentaram o muro, a entrada é outra. Agora você precisa bater pra entrar, na minha época não fazia isso. Muitas melhoras, esse muro tá maravilhoso, esse portão que você hoje tem que bater, avisar “Ah tô entrando, é fulano, quero falar com ciclano”, na minha época não era assim.

E eu adorava também fazer o mimeógrafo, na época era mimeógrafo. Rodar aquelas provas naquele negócio roxo. Ah, eu adorava fazer aquilo, mas nunca me chamavam porque eu era muito levada, mas era muito bom, eu adorava, eu adorei o colégio, adorei tudo aqui, eu não tenho o que reclamar da escola.

Sebastião Lomar

(Ex-aluno da primeira década da escola)

Eu vi o crescimento dela ao longo da vida. Ela vem crescendo, se modificando conforme a modernidade. Por exemplo, os ares-condicionados que há 15 anos atrás jamais pensaríamos na possibilidade de um colégio ter ar-condicionado. Esse daqui, por exemplo, eles já até trocaram a refrigeração daqui que eu já percebi. E ficou mais moderno. Por acaso esse colégio é sortudo porque eu vejo que ele sempre vem levando uma certa reforma. Por último agora levou uma bela reforma, já se vê por essa sala em que estamos. E é isso aí, a gente vê o progresso chegando, se modificando, novos tempos e as coisas vão acompanhando, mesmo que às vezes meio lentas, mas segue.

Luís César Pinto(Professor de Educação Física e
ex-aluno da primeira década da escola)

Eu sempre lembro a eles que já estive do outro lado também. Eu falo para eles: “literalmente aqui”. Às vezes você vê, em uma sala de aula, o ato de um aluno e pensa “parece quando eu estudava”.

A construção do refeitório, onde os alunos sentam para se alimentar. Não tinha aquela parte. Houve uma mudança nos banheiros também. No passado, tinha banho após a Educação Física para aqueles que quisessem. Por algum motivo, foi melhor abolir o banho, foi uma decisão da direção e tudo isso graças ao celular. O pessoal fica brincando com coisas sérias e aí a direção da época decidiu tirar os chuveiros.

Saulo Vinícius da Silva

(Professor de História)

Quando eu entrei aqui no Cordélia, essa questão da brincadeira racista era mais forte, hoje em dia diminuiu bastante, mas esse tipo de coisa ainda existe. É algo que a gente sempre precisa estar corrigindo.

Vanessa Tavares Vicente

(Professora de Matemática)

As salas hoje são bem mais estruturadas. Receberam reformas, pintura, a climatização também ajudou muito. Mas o que falta mesmo é a quadra, o espaço.

Telma Câmara Vieira(Professora de Matemática e
Articuladora Pedagógica no momento da entrevista)

Houve muitas mudanças, mudanças físicas, o espaço físico sempre foi muito difícil, muito precário, havia uma sala da direção que funcionava aqui, que agora é a sala *Maker*, ela passou a ser ao lado da Secretaria. Nós tínhamos uma Secretaria em uma sala única enorme, cheia de mesas antigas, todo mundo trabalhava junto. Era legal? Era! Mas faltava um pouco de privacidade para o trabalho continuar. Houve mudanças no refeitório, onde colocaram as mesas e os bancos de concreto para os alunos e houve mudanças também no relacionamento, as coisas mudaram, ficaram mais próximas dos professores, houve bastante mudanças e graças a Deus foi para melhor.

Rita Marques Resende

(Professora e Diretora Adjunta - aposentada)

Foram muitas mudanças, porque a Cordélia Paiva era uma escola que não tinha muro. De repente, você estava em sala de aula e chegava uma mãe para bater no filho de outra mãe, por algum problema de criança e a gente não tinha liberdade para trabalhar.

Nós não tínhamos material nenhum, nós comprávamos o nosso próprio material, fazíamos as comemorações com as crianças do nosso próprio dinheiro. (...) As escolas atualmente já contam com muito material, mas na época a gente precisava dar o “nosso jeitinho”. (...) Na minha época, a dificuldade, eu já falei, era material e essas coisas, mas hoje eu não vejo muitas dificuldades nas escolas porque agora tem tudo, tem equipamentos.



Referências

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **História Oral**, [S. I.], v. 15, n. 2. 2012.

_____. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 155 - 202.

ANTUNES, Ângela & PADILHA, Paulo Roberto. - **Educação Cidadã, Educação Integral: fundamentos e práticas**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. “**História da alimentação escolar no Brasil: algumas questões sobre políticas públicas educacionais, cultura escolar e cultura alimentar**”. Anais da ANPUH-Brasil. Recife: ANPUH, 2019.

DIAS, Amália; BEZERRA, Nielson. **História da educação na Baixada Fluminense: redes educativas e processos de escolarização**. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Nova Iguaçu, v. 4, n. 6, p. 1-5, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**. Vol. 9, nº 1, 2006, p. 125-141.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini & PENTEADO, Wilma Millan Alves. **Orientação educacional na prática: princípios, técnicas, instrumentos**. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

LOBATO, Vivian da S. **Educação, memória e História: possíveis enlaces**. Revista Margens Interdisciplinar, Abaetetuba, v. 8, n. 10, 2016.

MONTEIRO, A. M. F. C.; PENNA, F. A. **Ensino de História: saberes em lugar de fronteira**. Educação e Realidade, v. 36, n. 1, 2011, p. 191-211.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

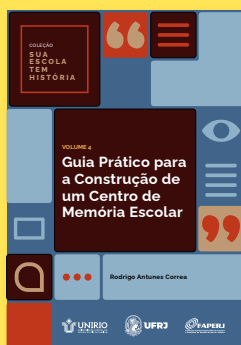
OBRY, Olga. Caxias Cidade Bem-Comportada. In: ALBERTO, Armanda Álvaro (org.). A Escola Regional de Meriti: documentário 1921-1964. Brasília: Inep, CEPEMHed, 2016, p. 155 – 158.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Revista Temáticas, Campinas, 2014.

XAVIER, Libânia N.; BEZERRA, Amália; SOARES, Jefferson da Costa. **Por uma História da Educação Fluminense** (Apresentação). Revista Contemporânea de Educação, v. 14, n. 30, 2019.

Esta coleção está disponível no link
<https://pantheon.ufrj.br>

Outros títulos da coleção:



www.suaescolatemhistoria.com.br